

A CRISE DE SETEMBRO/08 E O SETOR

Luiz Carlos Corrêa Carvalho
caio@canaplan.com.br

“Uma pessoa caminha sobre uma tábua estreita e o faz com desenvoltura porque está no chão. Se estiver sobre um abismo a pessoa perde o equilíbrio.”

Filósofo Avicena, citado por Eduardo G. da Fonseca

A origem da crise é o colapso do mercado de crédito. O aumento da inadimplência no mercado de hipoteca nos EUA e na Europa e a queda nos preços dos imóveis, deteriorou fortemente a qualidade desses ativos. Daí ao estouro dos Bancos, foi um passo e daí vem a grave crise de confiança mundial. A crise no Brasil se refletiu no crédito.

Citando a história dos alicerces da crise atual, vale lembrar que de 2002 a 2007, foram 5 anos de enorme crescimento mundial, sem inflação e com juros baixos. Com forte expansão da liquidez, veio a busca de retornos excepcionais aos ativos. Com enorme alavancagem financeira num setor financeiro de muita criatividade e inúmeros novos produtos, a tremenda velocidade da informação neste mundo globalizado criou uma verdadeira hipertrofia do sistema financeiro em relação à economia real¹. Essa a chave que leva ao complexo mecanismo da crise atual.

Segundo a Mckinsey, em 2002 a alavancagem (recursos de terceiros) era de US\$ 94 trilhões em 2006, US\$ 165 trilhões! Outro lado relevante: em 1980, a relação US\$ ativos/PIB era de 1,2; em 2006 era de 3,5. Outra forma de avaliar isso: a dívida total dos EUA entre 1950 e 1980, era de 150% do PIB; em 2007, era de 350%! Financiada basicamente pelos países asiáticos e OPEP, a crise despenca no “subprime” dos imóveis nos EUA, enquanto no Brasil a relação dívida/PIB é de 78%! O Brasil fez correto; o mundo rico errou!

Vive-se, nesse final de 2008 a desmontagem desses aparatos explosivos que vem implodindo Agentes Financeiros e arrastando, como um tsunami, um enorme número de empresas muito alavancadas que, na atual

¹ Análise de Eduardo G. da Fonseca

paralisa de crédito, faz não apenas encolher o mundo financeiro mas, também, toda uma nova potencial onda de regulação pelos Estados.

Do enxugamento da liquidez ao “empoçamento” do dinheiro (alguns Bancos comandam isso), o crédito ao produtor vai ficar esperando o medo dos bancos de emprestar e não receber depois ou ficar esperando novos prejuízos que virão.

Entre as discussões atuais, a expectativa da reação das economias à crise é a tônica dos debates. A recessão já pegou a Europa e os EUA, além do Japão e, em 2009, o mundo talvez cresça 0,5%, comandado pelos BRICs! O Brasil deverá crescer 2,0%, o que é muito ruim em comparação aos 5,6% de 2008. Aqui o câmbio endoidou, chegando a R\$ 2,50/US\$ e muitas empresas que vinham manipulando o dólar se deram muito mal.

Muitos analistas da macroeconomia apostavam em recuperação a partir do 2º semestre de 2009, com o retorno a certa normalidade (crédito, por exemplo) já a partir de 2010. Como era de se esperar, o atual desconfortável momento fez suspender muitos planos de empresas para 2009, enquanto a poeira vai abaixando (Moody’s Investors Service; Capital Economics; RBS Greenwich Capital; MB Associados, entre outros). Hoje, há consenso que a recuperação só se inicia em 2010. Há vozes discordantes achando que o prazo será mais longo.

Nos últimos 02 anos, as commodities tiveram os seus preços aumentados de forma impressionante, levando às discussões históricas de neomalthusianos escorados por ambientalistas inocentes alimentados por petroleiros evidentes. O açúcar e o etanol não foram na onda: o primeiro pela expansão maluca de oferta pela Índia e, o segundo, no caso brasileiro, pelos preços tabelados do concorrente gasolina. É interessante pois observar que esses produtos foram pontos “fora da curva”.

Em belo artigo, Patrick Barta (The Wall Street Journal) explica que em Banlung, no Camboja, a subida dos preços agrícolas no mercado mundial fizeram Banlung explodir. *“Agricultores chegaram aos bandos, limpam a terra para plantar seringueiras, soja e outras lavouras comerciais. Da mesma maneira, pequenos agricultores de vários outros países como Bangladesh, Rússia, Ucrânia e Nigéria, aumentaram a produção para se beneficiar da alta acelerada nos preços dos produtos agrícolas. Agora, no entanto, o futuro da*

expansão em Banlung e outras partes do mundo tornou-se incerto, diante da queda acentuada dos preços dos grãos por causa da desaceleração econômica mundial. Uma desaceleração na abertura de novas fronteiras agrícolas pode bloquear os esforços para aliviar a carência global de alimentos. Alguns analistas de agricultura receiam que, quando a economia mundial se recuperar, a crise de alimentos retorne a todo vapor”.

O texto citado caracteriza uma crise de confiança, afetando crédito que, por sua vez, traz a redução de investimentos. Essa redução de investimentos ocorre tanto para alimentos como para a prospecção de petróleo, assim como para o seu refino; a economia que segue crescendo mesmo em crise vai demandando mais energia com clara tendência de novo ciclo de alta do petróleo com efeitos ainda mais fortes. Os Fundos remanescentes voltarão às commodities e já se conhece esse filme.

O risco que não está comentado, no entanto, diz respeito à necessidade de políticas públicas globais que não permitam uma velha recaída de protecionismos: isso explica as várias reuniões dos G7 ou G20 e as tentativas de novamente buscar soluções na rodada de Doha no pós set/08.

Se as previsões estiverem lógicas, no Brasil e no setor canavieiro, os fundamentos deverão voltar a prevalecer sobre a macroeconomia: a safra 08/09 internacional precisará de 4 a 5 novos milhões de toneladas de açúcar e, ao que tudo indica, não será fácil de se obter mesmo com safra brasileira maior; o verão do hemisfério norte ocorrerá com o início da recuperação das economias ricas e o petróleo e a gasolina estarão em outro patamar de preços; o consumo de etanol no Brasil e nos EUA crescerá fortemente e a Europa deverá importar mais.

A Obamania, a partir de jan/09 deve dar novos contornos à luta contra a recessão.

Por maior que seja a crise atual, o homem não abre mão de consumir alimentos e de ter mobilidade (esta a grande novidade do século XX), buscando sempre qualidade de vida. O que há de novo é que tem-se que lutar por isso desde que tal se faça de forma sustentável: suprimento dentro das necessidades e redução da poluição global e local, desde que a custos acessíveis.

A Agência Internacional de Energia, no tiroteio da crise atual posicionou a necessidade de aumentar a atual mínima participação global dos biocombustíveis em 1%, para 8% em 2030 e 26% em 2050! Certamente isso ajudou muito para que a União Européia, no mês de dez/08, não voltasse atrás aos objetivos do porcentual mandatário de 10% de biocombustíveis em 2020. Há, também, outros casos interessantes:

Tabela 1: Ucrânia: Desenvolvimento dos renováveis de acordo com a estratégia de governo (milhões de toneladas de petróleo equiv. / ano)		
Fonte de energia renovável	Desenvolvimento de renováveis, por ano	
	2005	2030
Energia de biomassa	1.3	9.2
Energia solar	0.003	1.1
Pequenas hidrelétricas	0.12	1.13
Grandes hidrelétricas	3.89	5.5
Energia geotérmica	0.02	0.7
Energia eólica	0.018	0.7
Total	5.35	18.33

Fonte: Ministério da Energia e do Combustível (2006). Estratégia de Energia da Ucrânia até 2030, adotado em março 2006. Publicado na F.O.Licht's World Grain Markets Report, vol 4, nº 22, 20/11/08

Do lado brasileiro, a EPE – Empresa de Pesquisas Energéticas, do MME, lançou o Plano de Energia para a Década, onde prevê crescimento anual de 11,3% entre 2008 e 2017 para a demanda de etanol brasileiro, indo de 20,3 bilhões de litros para 53,2 bilhões de litros, construindo para isso 246 novas unidades produtoras, com 114 já em início de construção.

Ou seja, aquecimento global e substituição de energias fósseis continuam como prioridade, além da luta por desmanchar essa crise complexa atual. Por aqui ver-se-á um processo doloroso de curto prazo, face crédito difícil e muitas empresas com dívidas de curto prazo. Os preços deverão melhorar em ritmo aquém do que poderiam, face ausência de crédito. Talvez, logo ao início da safra 09/10 as coisas estejam mais normais..... mas para se chegar ao oásis procurado, com camelos morrendo de sede, os grupos econômicos deverão se reduzir.

O setor canavieiro vive um momento extraordinário como vetor do futuro, apesar da realidade conjuntural de curto prazo. Há apoio das correntes políticas todas e do exterior. Nesse caso, líderes como Lula ou FHC estão no mesmo barco. Segundo FHC, é preciso investir produtivamente para combater

recessão e/ou depressão: recomenda a busca de energias alternativas, abertura de novas infra-estruturas e, sobretudo, inovação tecnológica.